

DÍADE MÃE-BEBÊ COM SÍNDROME DE DOWN E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

*Sanaia Lúcia de Souza*¹
UESB

*Cássia Pires de Moraes*²
UESB

*Carla Salati Almeida Ghirello-Pires*³
UESB

Resumo: O objetivo desta pesquisa é descrever as atividades utilizadas pela díade mãe-bebê com síndrome de Down (SD) para estimular a comunicação e aquisição da linguagem de seus filhos. Crianças com SD possuem déficit intelectual e atrasos devido a aspectos interacionais. Esta pesquisa foi ancorada na Neurolinguística Discursiva tomando a linguagem como atividade entre sujeitos e na Teoria Histórico Cultural que estabelece a apropriação da linguagem pelo sujeito a partir de sua inserção em práticas sociais na comunidade pertencente ao próprio sujeito. **Método:** Os sujeitos desse estudo foram quatro (4) díades mãe-bebê, com bebês de quatro a oito meses de idade. Os dados foram coletados no LAPEN, no primeiro encontro da mãe com a pesquisadora por meio de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados qualitativamente. **Resultados e Discussão:** As informações colhidas junto às mães mostram que elas estabeleciam diálogos com seus bebês em situações do dia-dia, porém não existia a preocupação de manter a troca de olhares sistematicamente entre as díades, bem como não apresentavam estímulos visuais com pista pré-linguístico para bebês com a intenção. **Conclusão:** As mães das crianças com SD realizavam antes do processo de intervenção atividades comunicativa com seus bebês previamente ao processo de intervenção, no entanto, essas atividades necessitavam de direcionamento mais específico para promoção de interação mais efetiva que potencialize o início da produção de vocalizações e da aquisição da linguagem de seus bebês.

Eixo Temático 03: Linguagem e processo de subjetivação.

Palavras chave: Linguagem. Mãe-bebê. Síndrome-Down.

¹ Mestranda em Linguística, UESB-BA.

² Mestranda em Linguística, UESB-BA.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística, UESB-BA, Pós Doutorado em Linguística, Unicamp-SP e orientadora da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Estudos têm abordado a díade mãe-bebê com Síndrome de Down (SD) referente ao conhecimento das mães sobre o desenvolvimento da aquisição de linguagem (MARTINS, 2004). Para FERREIRA-VASQUES et al. a linguagem de crianças com síndrome de Down (SD) se dar de maneira contínua, no entanto possui especificidades, assim são considerados os aspectos intrínsecos e extrínsecos influenciarão o desenvolvimento cognitivo e linguístico. A criança com SD tem a mesma diversidade de fatores biológicos e funções pertinentes a todo e qualquer ser humano, embora a presença da Trissomia do cromossomo 21 deva ser considerada por deflagrar alterações funcionais celulares que levam a comprometimentos e alterações da SD, como: hipotonia; alterações de atenção, memórias e déficit de linguagem. A experiência do desenvolvimento de qualquer criança é única, e está associada às experiências de sua história-cultura sempre mediada pelo outro.

O corpo teórico desse estudo ancora-se na teoria da Neurolinguística Discursiva (ND) propõe uma perspectiva baseada em orientar a avaliação do sujeito e acompanhamento longitudinal ao analisar a linguagem de sujeitos. A ND estabelece uma variação funcional do cérebro que é determinada pelo contexto da história dos processos-linguísticos e cognitiva (Coudry, 2010). De acordo Oliveira et al. (2018) a linguagem é tomada como atividade constitutiva, surge pela relação com o outro e o mundo e por sua força de criar. Assim para esse estudo consideramos a relação construída entre a linguagem e a cognição, que partem dos pressupostos Vigotski ao referir que os processos cognitivos não acontecem sem a participação indireta ou direta da linguagem (COUDDRY, 2010).

Padilha (2015) com base nos pressupostos de Vigotski considera que a cultura é o resultado da vida social e da atividade social do homem, quando o homem é capaz de produzir cultura, ele se capacita na produção de sua vida frente as suas necessidades podendo modifica-la dentro de suas possibilidades. Vigotski (1995) conforme a Teoria Histórica Cultural, o indivíduo só existe como um ser social, só pertence a um grupo social quando ele participa desse contexto no transcorrer de seu desenvolvimento histórico compondo sua personalidade e a estrutura de seu caráter que é dependente da evolução social que são determinados pelos aspectos inerentes ao grupo. Para Macedo (1994) a

família é considerada um sistema social, no qual os seus membros promovem a construção da identidade pessoal e social que proporciona ambiente favorável para que ocorra o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

1. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Muito antes de um bebê começar a fala, ele utiliza o olhar, as expressões faciais, o choro, e alguns gestos para comunicar-se com seus pais e demais que o cerca (SCHIMMER et all, 2004). O bebê é capaz de discriminar de maneira precocemente os sons pertinentes inerentes à fala, fazer a diferenciação das entonações de vozes, dos gestos e dos movimentos do corpo que são constituintes basais para o desenvolvimento da linguagem. A atividade dialógica entre mãe-bebê pode modificar cada um pela atividade do outro, as diferentes dinâmica das atitudes dessa díade, seja pela aproximação das faces, seja pela melodia da fala antes, durante e/ou após a amamentação favorecem a ocorrências de sorrisos, de vocalizações e de movimentos do bebê pré-requisitos importantes na maturação e no desenvolvimento dos órgãos fonoarticuladores e para o desenvolvimento da comunicação.

De acordo Oller (1980) os estágios do desenvolvimento da criança típica podem ser descritos da seguinte forma: Estágio 1- (0-1 mês de vida)- caracterizada pelas vocalizações que não incluem o uso sistematizado do trato vocal, tem se como exemplos: choro, arrotos, tosses e inquietações; estágio 2- (2-3 meses)- fase do murmúrio, o autor acreditava que seria a produção de sílabas consoantes-vogais (CV) consideradas “primitivas; estágio (4-6 meses)- de difícil caracterização a sua produção, pois o tipo de vocalização varia a cada semana e até mesmo a cada dia, apresentam-se como grunhidos, resmungos, gorjeios bilabiais e labiolinguais sem apresentarem características de silábicas como os estágios posteriores; estágio 4 (7-10 meses- conhecido como estágio canônico, ocorre de forma repentina e são as vocalizações mais consistentes de CV, o tempo é aproximado a da fala dos adultos, a exemplos de sílabas CV reduplicadas, [mama] ou [dada] ou reduplicadas, [bada]; estágio 5 (11-12 meses) – o balbúcio tem suas sequências variadas de CV reduplicada e não reduplicadas e elocuições com variação das consoantes e das vogais,. O repertório consonantal é aumentando nesse e os padrões de entonação similar aos apresentados pelos adultos estar presente.

Para Fischer (1988) e Miller (1995) conforme estudos realizados sobre o desenvolvimento da aquisição da linguagem de crianças com SD, um dos comprometimentos mais considerável é na comunicação e em especial na expressão verbal.

Os bebês com SD apresentam um padrão diferenciado em relação à atenção e a habituação aos estímulos de fala durante o primeiro ano de vida (Tristão, 2001). Schwartzman (2003) afirma que crianças com SD precisam vivenciar continuamente e frequentemente de diálogos contextualizados, para que o atraso na aquisição de linguagem seja minimizado e até mesmo evitado, pois as crianças com SD tem o potencial necessário para se desenvolverem. A exposição dos bebês com SD o mais precocemente possível a estímulos e experiências relacionadas ao cotidiano da vida é necessária, no entanto, não são suficientes para o seu desenvolvimento (Guiarello-Pires, Moreschi, 2007). É primordial a participação dos pais ou responsáveis das crianças com SD na mediação de situações de aprendizagem e sejam capazes de selecionar estratégias que permitam que a criança desenvolva: a atenção, o interesse, que exijam e promovam suas habilidades. Para tanto as mães dos bebês com SD devem ser orientadas e esclarecidas sobre as dificuldades pertinentes a SD, suas potencialidades e as estratégias e pistas linguísticas que podem ser utilizadas para facilitar o desenvolvimento da aquisição da linguagem de seus filhos.

Ao observar as mães e seus bebês com SD durante acompanhamento especializado ocorreu o interesse e os questionamentos: i- quais as atividades utilizadas pela díade mãe-bebê com síndrome de Down (SD) para estimular a comunicação e aquisição da linguagem de seus filhos; ii- Como são realizadas as atividades que as mães utilizam para estimular a comunicação e aquisição da linguagem de seus filhos, portanto, o objetivo desse estudo foi descrever as atividades utilizadas pela díade mãe-bebê com síndrome de Down (SD) para estimular a comunicação e aquisição da linguagem de seus filhos.

2. MÉTODO

Sujeitos

Foram selecionadas quatro mães de quatro bebês com SD com idade entre quatro e oito meses de ambos os sexos, que são acompanhados pelo Laboratório de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (LAPEN) em uma instituição de ensino superior em Vitória da Conquista-BA.

Coleta de dados

Os dados foram coletados pela pesquisadora no terceiro encontro com as mães de bebês com SD, enquanto elas aguardavam o atendimento dos filhos. A coleta foi realizada de forma individualizada por meio de entrevista semiestruturada composto pelos seguintes dados referente às condições de gestação do bebê, do parto e possíveis intercorrências peri e pós nascimento imediato bem como ocorreu o encaminhamento ao atendimento dos nascimentos: identificação; data de nascimento, realização de pré-natal; tipo de parto; idade gestacional ao nascimento; intercorrências pré, peri e pós-parto; realização de exames complementares, necessidade de cirurgias; qual o motivo que a mãe procurou o LAPEN;

Quais os profissionais que acompanham ou acompanharam o bebê e há quanto tempo acompanha?; Quais orientações recebidas pelos profissionais?; O pediatra orientou a buscar atendimento para desenvolvimento da linguagem?; Quais as orientações recebidas pelos profissionais da área de saúde?; Quais as expectativas ao buscar o LAPEN?; Quem indicou o LAPEN?; Quais as orientações sobre a aquisição da linguagem que foram repassadas pelos profissionais que acompanham e/ou acompanharam seu bebê?

Análise de dados

Os dados foram gravados pelo Iphone 6-SE da Apple e subsequente transcrição e catalogados e organizados em quadro e tabelas pelo programa Microsoft e posterior análise qualitativa.

3. RESULTADOS

No Tabela 1 é possível encontrar a caracterização dos participantes dessa pesquisa quanto ao sexo e a idade que iniciaram o acompanhamento pelo LAPEN. A amostra do estudo constitui-se por 75% do sexo masculino e 25% do sexo feminino. Em relação a faixa etária dos sujeitos com SD ao iniciarem o acompanhamento pelo LAPEN foi de 1 mês e 10 dias à 7 meses e 11 dias de idade; Para Oller et al (1999) o balbúcio pode ser apresentado pela criança até o décimo mês de vida, quando ocorre algum atraso pode referir desordens na fala considerado o desenvolvimento típico. Em relação à criança com SD pode ocorrer um atraso até dois meses desse estágio de desenvolvimento da aquisição da fala, embora essas crianças tenham um ritmo mais lento, elas alcançam esse estágio.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes: sexo, faixa etária inicial de acompanhamento:

Sujeitos	Sexo	Idade inicial do acompanhamento- LAPEN
S1	M	1 mês e 10 dias
S2	M	4 meses
S3	M	7 meses e 11 dias
S4	F	3 meses e 3 dias

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Foram elencados na Tabela 2 resultados de exames realizados nos bebês com SD, dados importantes, pois as patologias cardíacas são comuns a esses sujeitos e geralmente tem se a necessidade de realizar intervenções cirúrgicas, tal circunstância desfavorece o acompanhamento precoce e contínuo desses sujeitos no laboratório especializado em Neurolinguística. Já o BERA (Audiometria de resposta Evocada do Tronco Cerebral) é salutar para verificar se tem comprometimento neural em estruturas próximas ao córtex auditivo. Tristão (2003) pontua que até pequenas perdas auditivas podem dificultar a distinção entre as unidades fonéticas da fala, a realização do BERA deve ser sistematicamente e elementar para os bebês com SD. No presente estudo apenas o S3 apresentou alteração no BERA, esse achado sinaliza a necessidade do S3 ser encaminhado e acompanhado por um profissional especializado para que não ocorram maiores prejuízos no processo do seu desenvolvimento da aquisição da linguagem.

Tabela 2 - Resultados de exames que foram realizados com bebês com SD:

Sujeitos	Ultrassom Morfológico	Ecocardiograma	BERA
S1	Sim - Normal	Não	Normal
S2	Sim - Normal	Sim-Normal	Sim-normal
S3	Sim - Normal	Não	Sim-alterado-(OE)
S4	Sim - Normal	Sim-Normal	Sim-normal

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Quando se questionou às mães dos bebês com SD sobre o motivo da procura pelo LAPEN, as mães dos S1, S2, S3 e S4 afirmaram que foram motivadas pela possibilidade de encontrar informações, orientações que ajudassem seus respectivos filhos a desenvolverem de maneira saudável e acesso a informação sobre o acompanhamento específico realizado pelo LAPEN foi obtida de maneira praticamente ocasional conforme respostas dispostas na Tabela 3. Tais relatos reforçam a necessidade de acompanhamento especializado para atender e acompanhar as crianças com SD que realizem a abordagem que auxilie no desenvolvimento e aquisição da fala dos bebês com SD.

Tabela 3 - Qual o motivo da procura pelo LAPEN?

Mães dos Sujeitos	Respostas das mães dos bebês com SD
S1	A partir do momento que viu era diferente e pela indicação da fonoaudióloga que fez o BERA em meu filho.
S2	Para ajudar o meu filho na fala e pela indicação de outra mãe que tem filho com SD.
S3	A otorrino que fez lavagem no ouvido do meu filho me falou era bom para ele.
S4	Pela indicação da fisioterapeuta e pediatra da UTI para estimular a fala.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

A partir das informações descritas na Tabela 4 sobre quais as orientações repassadas às mães dos bebês com SD pelos diversos profissionais que acompanham ou acompanharam seus respectivos filhos, constatamos que nenhuma mãe foi orientada especificamente sobre como se desenvolve a aquisição da linguagem, nem sobre as especificidades do seu desenvolvimento. As orientações repassadas pelos profissionais às mães dos bebês tiveram uma abordagem mais generalista.

Tabela 4. Quais as orientações sobre a aquisição da linguagem que foram repassadas pelos profissionais que acompanham e/ou acompanharam seu bebê?

Sujeitos	Respostas das mães dos bebês com SD
S1	<i>Sempre achei que falar, conversar com qualquer criança ajuda na fala. Sempre achei isso.</i>
S2	<i>Recebi orientação da fisioterapeuta que ele precisaria fortalecer músculos do pescoço e da boca para controle da região, mas sobre desenvolvimento específico da fala, eu não tive.</i>
S3	Não explicaram sobre o desenvolvimento da fala.
S4	Não foi muito claro nesse sentido, pediu para procurar o fonoaudiólogo que iria me ajudar nas orientações, não houve clareza sobre o desenvolvimento da linguagem.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Os dados apresentados na Tabela 5 são referentes aos questionamentos às mães dos bebês com SD sobre se elas tinham o hábito de fazer algo para estimular o seu bebê a conversar ou falar. Como era realizado? Já as informações elencadas na Tabela 6 são as respostas das mães sobre quais as orientações repassadas pelos pesquisadores do LAPEN que elas consideraram relevantes para desenvolvimento da fala de seu bebê? Todas as mães sujeitos do estudo afirmaram que todas as orientações foram importantes, visto que, antes de chegar ao LAPEN não tiveram nenhuma orientação específica para o desenvolvimento da aquisição da linguagem de seus filhos, afirmou-se que existia a sensação de estar sozinha, e mães acreditam previamente a chegada ao LAPEN que processo da aquisição da linguagem era apenas inerente ao aspecto da ação muscular e do modo articulatorio, elas desconheciam a necessidade de internalização de conceitos e da representatividade que ocorre sistema nervoso e que podem ser efetivadas frente às pistas visuais e pré-linguísticas que devem ser trabalhadas junto aos bebês com SD.

Tabela 5. Você costuma fazer algo para estimular o seu bebe a conversar ou falar. Como?

Sujeitos	Respostas das mães dos bebês com SD
S1	Sempre conversei assim como fiz com outros dois filhos, tipo: oi meu amor , na hora de pegar para amamentação, ou na hora que pego no berço, as vezes mesmo distante dele eu converso.
S2	Cantando, contando histórias e estimulava sensorial sem pensar na fala. Na fala eu pensava mais na amamentação por causa da amamentação e o não uso de chupeta.
S3	Perguntava na hora de comer.
S4	Até meu primeiro contato com o LAPEN eu não tinha feito nada pensando na fala.

Tabela 6. Quais foram às orientações repassadas pelos pesquisadores do LAPEN que você achou relevantes para desenvolvimento da fala de seu bebê?

Sujeitos	Respostas das mães dos bebês (sujeitos) com SD
S1	Todas as orientações que tive, porque até então eu não tinha nenhuma. Então a partir do momento que vim para cá que eu vi a importância dos estímulos na língua, toda parte oral dele, uso de estímulos na língua, massagem na cavidade oral, toda massagem, mas que quem não tem essas informações acha ou não imagina que não vai ter efeito que dar, que pode causar, inclusive os sons que ele faz (uuuu), eu imaginei que esses sons eram mais para frente e que ele já está fazendo. Isso me surpreendeu. A parte de falar bem próximo do meu bebê, de cantar mesmo sem saber direito (rs).
S2	Não me esqueço de vocês falando que o cérebro é plástico, então vamos meter informação aí (rs). Então foi o incentivo ao estímulo com o entendimento dele, porque depois que ele entendesse ele começaria a falar, então tudo que comecei a fazer em casa, falar com ele, mostrar o objeto, para falar pertinho, o sentir, todos os recursos, o visual, o falar, o sentir tudo isso contribui com o aprendizado dele e então depois vem à fala. A atitude de possibilitar durante a minha comunicação com meu filho usando recursos visuais e falar pertinho dele.

S3	Todas as orientações que tive foram boas.
S4	Orientação dos “exercícios” para melhorar a fala para minha filha, para que ela possa ter o desenvolvimento da linguagem. Você tem alguém para esta te orientando, você sente uma segurança, você não está sozinha.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

4. CONCLUSÃO

As mães das crianças com SD realizavam antes do processo de intervenção atividades comunicativas com seus bebês previamente ao processo de intervenção, no entanto, essas atividades necessitavam de direcionamento mais específico para promoção de interação mais efetiva que potencialize o início da produção de vocalizações e da aquisição da linguagem de seus bebês. Para tanto as orientações e direcionamentos junto às mães de bebês com SD o uso de pistas visuais e pré-linguísticas são primordiais para que seus filhos possam internalizar os conceitos e representatividade.

REFERÊNCIAS

FERREIRA-VASQUES, A.T; ABRAMIDES, D. V.M; LAMONICA, D. A.C. **Consideração da idade mental na avaliação do vocabulário expressivo de crianças com Síndrome de Down.** Rev. CEFAC, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 253-259, Mar. 2017 .

GUIRELLO, C.S. A. P., M.S.R., **Emergência do Balbúcio canônico em bebês com Síndrome de Down,** Maringá- PR, Dezembro, 2007.

LAZEBOVICI, S.O **bebê, a mãe e o psicanalista.** Porto Alegre Artes Médicas, 1992.

MACEDO, B.C., L.A..R. **Visão de mães sobre o processo educativo do filhos com síndrome de Down.** Educar, Curitiba, n.23, p143-159, 2004. Editora UFPR

OLLER, D. K., **The emergence of the sounds of speech in infancy.** In KOMSHIAN, J.; K.. J.; Y.; F., C. Child phonology, Cambridge: Academic Press Inc., 1980.

OLLER, D.K., E.R.E., N.A.R., S.H.K., **Precursors to speech in infancy: the prediction of speech and language disorders.** Journal Commumn Disord., 1999;32:223-45.

OLIVEIRA, E.C.de; O. M.V.B. **Neurolinguística Discursiva:** contribuições para discutir a relação entre Linguagem e Pobreza. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 60, n. 2, p. 414-424, set. 2018.

PADILHA*, A.M.L. **Contribuições de Angel Pino para pensar o Homem Novo em Vigotski.** Cad. CEDES, Campinas , v. 35, n. spe, p. 391-404, dez. 2015

PRATES. L.P.C.S, M.V.O. **Distúrbios da fala e da linguagem na infância.** Revista Médica de Minas Gerais. 2011;221(4 Supl 1):S54-S60.

SCHIRMER, C.R.; F..D.R., N. M.L.. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem.** J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2004, vol.80, n.2, suppl., pp.95-103.

SCHWARTZMAN, M.L.C. **Aspectos da linguagem na criança com síndrome de Down.** In: SCHWATZMAN, J. S. (coord.). Síndrome de Dow. 2ª ed. São Paulo: Mackenzie.

TRISTÃO, R.M. **Percepção da fala em crianças com síndrome de Down:** no primeiro ano de vida. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Brasília.

TRISTÃO, R.M., F.M.A.G., **Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida.**
Estudos de Psicologia, 2003, 8 (3), 459-467, Brasília.

VIGOTSKI, L.S., **Obras Escogidas: fundamentos da defectologia.** Tomo III, Madrid:
Visor, 1995.

SOBRE OS AUTORES.

Sanaia Lúcia de Souza

Mestranda em Linguística, UESB-BA, Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística;
Grupo de Pesquisa sobre: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica.
E-mail: sany.sann@hotmail.com

Cássia Pires de Moraes

Mestranda em Linguística, UESB-BA, Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística;
Grupo de Pesquisa sobre: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica.
E-mail: cassynhamoraes@yahoo.com.br

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires

Pós-doutorado em Linguística, Unicamp-SP, Brasil e orientadora da pesquisa; Professora do
Programa de Pós-graduação em Linguística, UESB-BA, Brasil;
Grupo de Pesquisa sobre: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica.
E-mail: carlaghipires@hotmail.com